

Gramática e variação no português brasileiro: considerações sobre *ter~haver* e *de~em*

Dinah Callou

Universidade Federal do Rio de Janeiro / CNPq

Juanito Avelar

Universidade Estadual de Campinas / Universidade de São Paulo / FAPESP

Introdução

Explorando os conceitos de *gramática nuclear e periferia* delineados em Chomsky (1981), este estudo focaliza dois casos de variação no português brasileiro (PB), trazendo para reflexão a seguinte questão: em que medida os padrões de distribuição de formas variantes na fala e na escrita permitem caracterizar uma dada variação como resultado de procedimentos internos à gramática nuclear ou como atrelada a elementos provenientes da periferia? Os casos focalizados são a alternância de *ter* e *haver* em construções existenciais e das preposições *em* e *de* em constituintes preposicionadas adnominais, respectivamente como em (1) e (2) a seguir.¹

- (1) a. *Tem* muitas praias bonitas no Rio de Janeiro.
b. *Há* muitas praias bonitas no Rio de Janeiro.
- (2) a. Todos os livros *da* biblioteca podem ser emprestados.
b. Todos os livros *na* biblioteca podem ser emprestados.

Com base em dados de língua oral e escrita extraídos de documentos produzidos entre 1980 e 2005, bem como explorando juízos de (a)gramaticalidade, sugerimos que a variação entre *ter* e *haver* é desencadeada pela “alimentação” da gramática periférica no processo de escolarização (em oposição à gramática nuclear, construída no processo

Gostaríamos de agradecer a Mary Kato e Eugênia Duarte, pelas valiosas contribuições ao desenvolvimento deste trabalho, bem como aos bolsistas de Iniciação Científica que colaboraram no levantamento dos dados em diferentes fases da pesquisa.

As conclusões apresentadas neste estudo resultam de atividades desenvolvidas dentro de diferentes projetos: *Verbos Possessivos em Contextos Existenciais na História do Português* (FAPESP 06/03852-4), *Sintaxe Gerativa do Português Brasileiro na Entrada do Século XXI: Minimalismo e Interfaces* (FAPESP 06/00965-2) e *Da História Social à História Linguística* (FAPERJ/Cientista do nosso Estado) e *Para uma História do Português Brasileiro* (Projeto CNPq/Produtividade em Pesquisa).

¹ Avelar (2006c) explora o mesmo conjunto de dados considerados neste trabalho para desenvolver uma abordagem de caráter diacrônico, aliando as noções de *gramática nuclear e periferia* ao conceito de *competição de gramáticas*, proposto em Kroch (1994).

natural de aquisição da linguagem); diferentemente, a alternância entre *de* e *em* reflete procedimentos morfossintáticos distintos, mas internos à gramática nuclear. Como pano de fundo teórico-metodológico, o estudo segue a proposta de Tarallo & Kato (1989), recorrendo a uma abordagem que se vale tanto dos pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros quanto da metodologia para tratamento de dados correntemente empregada pelos seguidores da Sociolingüística Variacionista de base laboviana.

O trabalho vem dividido da seguinte forma: na seção 1, apresentamos um panorama geral sobre os dados de fala e escrita analisados e contrastamos os padrões de variação *ter-haver* e *de-em* entre tais dados; na seção 2, ocupamo-nos especificamente da variação *ter-haver*, discorrendo sobre os aspectos que evidenciam a condição dessa variação como resultante de fatos concernentes à periferia; na seção 3, abordamos a variação *de-em*, argumentando que a realização de uma ou outra preposição está condicionada a diferentes configurações morfossintáticas envolvendo a concatenação de DPs/NPs e PPs; na seção 4, concluímos o trabalho.

1. Os dados

A análise contou com 511 dados de fontes escritas (140 construções existenciais e 371 constituintes adnominais) e 1.010 de língua falada (511 construções existenciais e 499 constituintes adnominais). Para o armazenamento e processamento dos dados, foi empregado o pacote de programas que integram o Goldvarb 2001 (Robinson, Lawrence & Tagliamonte, 2001), o que facilitou a depreensão de condicionamentos extra e intralingüísticos em cada variação.

Os dados de língua falada foram obtidos de entrevistas concedidas por indivíduos com e sem nível superior, respectivamente dos projetos NURC-RJ – projeto Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro (www.lettras.ufrj.br/nurc-rj), com amostras da década de 90, e PEUL – Programa de Estudos do Uso da Língua (www.lettras.ufrj.br/~peul), com amostras da década de 80. Os inquéritos da amostra foram classificados de acordo com a faixa etária do falante (até 35, 36-55, 56 em diante), com quatro representantes (dois homens e duas mulheres) em cada faixa.² Os dados de escrita foram extraídos de textos produzidos entre 2003 e 2005, a saber: textos dos jornais *O Globo* e *Extra*, de 12 e 13/08/2005, ambos do Rio de Janeiro; anúncios da revista *Veja* (13/04/2005 e 22/06/2005), *Isto É* (28/07/2004), *Época* (28/02/2005) e *Super Interessante* (abril de 2005); e os seguintes livros: (a) *Sobre os ombros de gigantes* (divulgação científica na área de física), de Alexandre Cherman, publicado em 2004; (b) *Amor é prosa. Sexo é poesia* (crônicas), de Arnaldo Jabor, publicado em 2004; (c) *Budapeste* (romance), de Chico Buarque, publicado em 2003; (d) *O Zahir* (romance), de Paulo Coelho, publicado em 2005; (e) *As melhores piadas do planeta... e da casseta também!*, do grupo

² Como as amostras do NURC-RJ e PEUL provêm de décadas distintas, um indivíduo integrante do PEUL estava cerca de dez anos mais velho quando as entrevistas da amostra NURC-RJ foram realizadas. Como não estamos interessados em detectar mudanças em tempo real e aparente, essa diferença não traz maiores conseqüências para a reflexão que iremos desenvolver. Para análises diacrônicas sobre *ter* e *haver* no português brasileiro, encaminhamos o leitor para os estudos de Callou & Avelar (2000, 2003).

humorístico *Casseta e Planeta*, publicado em 2003; e (f) *Nunca desista de seus sonhos* (auto-ajuda), de Augusto Cury, publicado em 2004.

Sobre a distribuição das variantes, os dados revelaram que as frequências de *ter* e *haver* são diametralmente opostas na fala e na escrita (ver Figura 1), enquanto as de *de* e *em* são bastante próximas entre as duas modalidades (ver Figura 2). Na língua falada, *ter* é realizado em 87% das construções existenciais levantadas, mas não passa de 14% nos dados da escrita; já entre as preposições, os percentuais se mantêm em torno de 72% para *de* e 28% para *em*, independentemente da modalidade.³ ⁴ O Goldvarb apontou condicionamentos de natureza extralingüística para *ter/haver*, e intralingüística para *de/em*, tanto na fala como na escrita. Tais condicionamentos serão abordados nas seções a seguir, tendo em foco a idéia de os contrastes em questão apontarem para estatutos diferenciados de variação, no sentido de que aspectos intrínsecos à oposição entre *gramática nuclear* e *periferia* estejam entrando em jogo em um e outro caso.

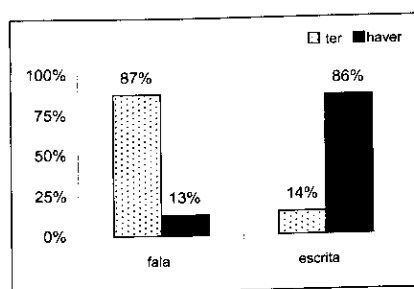


Figura 1: Variação entre *ter* e *haver* em sentenças existenciais na fala e na escrita

³ A codificação das construções existenciais contou com os seguintes grupos de fatores, tomando a especificidade do verbo (*ter/haver*) como *variável dependente*: (a) marcação de definitude no argumento do verbo, (b) marcação de número no argumento, (c) especificidade semântica do argumento (material animado, material inanimado, evento, espaço, abstrato, outros), (d) tempo e modo verbal, (e) amostra (NURC ou PEUL), (f) faixa etária, (g) gênero, (h) fonte (língua falada ou escrita) e (i) fonte escrita de proveniência dos dados. Quanto a *de/em*, os dados foram codificados considerando-se os seguintes grupos de fatores, com a especificidade da preposição (*de* ou *em*) correspondendo à variável dependente: (a) definitude, (b) especificidade semântica (material animado, material inanimado, evento, espaço, material/abstrato) do argumento da preposição, (c) definitude, (d) função sintática e (e) especificidade semântica do constituinte modificado pelo sintagma preposicionado (idem b), (f) gênero, (g) faixa etária, (h) fonte (fala ou escrita), (i) fonte escrita de proveniência dos dados, (j) amostra (NURC ou PEUL).

⁴ Análises com dados de diferentes regiões confirmam que a preferência de *ter* sobre *haver* é generalizada no português brasileiro (ver, por exemplo, Cardoso (1986), Leite & Calhou (2002) e Silva (2004)).

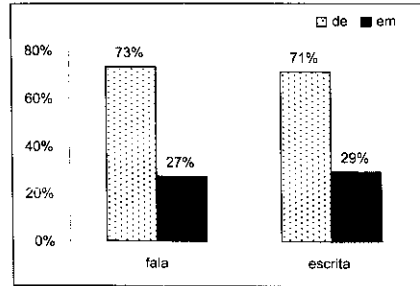


Figura 2: Variação entre *de* e *em* em constituintes adnominais na fala e na escrita

2. A variação entre *ter* e *haver*

Além do contraste observado entre fala e escrita, a variação *ter-haver* mostra sensibilidade à faixa etária e ao nível de escolarização do falante, bem como ao tipo textual em que a construção é realizada. Detendo-nos primeiramente nos dados de fala, observamos que, quanto mais velho o falante, menor o percentual de uso de *ter*, tanto na amostra do NURC quanto na do PEUL (ver figura 3). Qualquer que seja a faixa etária, contudo, *ter* é mais usado que *haver*. Quanto ao nível de escolarização, *ter* ocorre numa frequência maior entre os indivíduos sem nível superior (integrantes do PEUL); apenas na primeira faixa etária é que o percentual de uso desse verbo se mostra praticamente o mesmo entre os falantes dos dois níveis, ficando em torno de 97%.

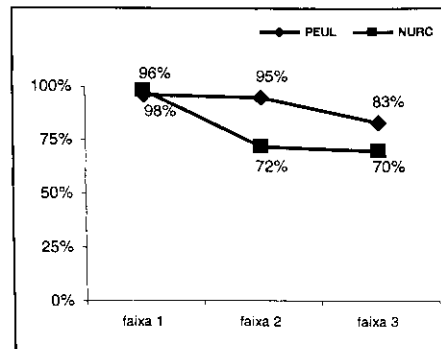


Figura 3: Frequência de *ter* (contra a de *haver*) em sentenças existenciais por faixa etária, entre falantes com nível superior (amostra NURC) e sem nível superior (amostra PEUL)

Entre as fontes escritas, os dados extraídos de piadas do Casseta e Planeta são os únicos que apontam para uma frequência maior de *ter* sobre *haver*, com 60% para o primeiro (ver figura 4 adiante). Nos textos dos anúncios, de Chico Buarque e do Jornal *Extra*, as frequências de *ter* chegam, respectivamente, a 47%, 15% e 14%; entre os demais documentos, não foram identificados casos de construções existenciais com *ter*.

Se pensarmos em termos da oposição *gramática nuclear vs periferia*, é plausível considerar que são elementos da periferia os que entram em jogo para determinar essa variação. Os fatores extralingüísticos apontados dão sustento à idéia de que *haver* é uma variante de prestígio na língua escrita, muito embora não haja qualquer estigma para o uso de *ter* na língua falada. A distribuição deste indicia que sua seleção (pelo menos entre os textos considerados) é condicionada pela necessidade de reproduzir elementos comuns da oralidade. No caso das piadas, com trechos exemplificados em (3), o uso de *ter* em lugar de *haver* é comum na representação de diálogos que envolvem seus personagens. O verbo ocorre, inclusive, na representação da fala de um personagem português, apresentada no exemplo em (3d). Já *haver* ocorre nos três casos de construções existenciais identificadas fora de um diálogo, com em (3e); dentro de diálogos, *haver* ocorreu apenas em um dos seis casos levantados, apontado em (3f).

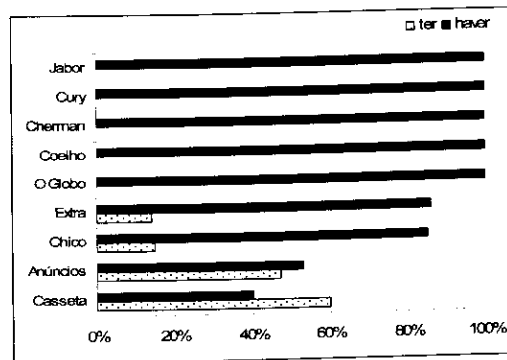


Figura 4: Frequência de *ter* e *haver* em sentenças existenciais na língua escrita

- 3) a. – ...acho que um de nós devia subir no alto daquela palmeira para ver se *tem* algum navio que possa nos resgatar. (Casseta e Planeta, p. 13)
 b. – Me contaram que aqui no inferno *tem* um telefone. (Casseta e Planeta, p. 32)
 c. – ...*tinha* uma parte do homem que não encaixava em lugar nenhum! (Casseta e Planeta, p. 105)
 d. – ...não *tem* problema nenhum, ó pá! (Casseta e Planeta, p. 14)
 e. [Deus] decidiu mandar um e-mail aos 5% das pessoas boas que *havia* no mundo. (Casseta e Planeta, p. 87)

- f. – ...se o senhor tivesse avisado, *haveria* manifestação, repúdio popular, passeata, repressão, pancadaria e morreria muito mais gente. (Casseta e Planeta, p. 28)

Entre os anúncios, exemplificados em (4) a seguir, a frequência significativa de *ter* (embora menor que a de *haver*) talvez seja determinada pela necessidade de uma aproximação maior com o leitor, parecendo consistir numa estratégia de persuasão por meio do emprego de marcas que são comuns na oralidade. Ressalte-se que, diferentemente do observado entre as piadas, não foi possível divisar, entre os anúncios, o que ora condiciona o uso de *ter*, ora o de *haver*, com a escolha de uma ou outra forma parecendo, à primeira vista, ter um caráter aleatório.

- (4) a. Quando você sentir que *tem* alguém fazendo mais pelas pessoas, repare: a BASF está por perto. (Isto É, 28/07/2004, p. 5)
 b. *Tem* também a Bohemia Escura, que mantém equilíbrio perfeito entre o doce e o amargo. (Veja, 13/04/2005, contra-capá)
 c. Sem água não *há* trabalho, não *há* saúde, não *há* vida. (Isto é, 28/07/2004, p. 63)
 d. para que não *haja* nenhuma dúvida, a partir deste mês você vai encontrar a sua Qualy com um alerta: “zero de gorduras trans”. (Veja, 13/04/2005, p. 27)

No texto de Chico Buarque, os dois casos de construções existenciais com *ter* (de um total de 13) estão apontados em (5a) a seguir. No Jornal Extra, dos quatro casos com *ter* (entre 28), dois aparecem na transcrição da fala de pessoas entrevistadas (ver (5b-c)), um ocorre numa carta de leitor (ver (5d)) e um, na seção de programação cultural (ver (5e)). Vale salientar que, no texto de Chico, *ter* é usado na elaboração de um diálogo, o que novamente evidencia ser a necessidade de inserir marcas de oralidade a principal condicionante do uso desse verbo entre os textos considerados.

- (5) a. Em Budapeste ela não conhecia ninguém, *tem* loja de departamentos em Budapeste? Não sei, deve *ter* confeitarias, excelentes museus. (Chico Buarque, p. 42)
 b. – Mais de 30 mil vans estão rodando pelo estado entre legalizadas e não legalizadas. *Tem* até carro de passeio e moto fazendo transporte clandestinamente – acrescenta Antônio Tristão, do sindicato dos rodoviários. (Extra, 12/08/2005, Primeiro Caderno, p. 16)
 c. – *Tem* carne sobrando no mercado interno. A tendência é de que o preço do produto se mantenha menor até o fim do ano – afirmou. (Extra, 13/08/2005, Primeiro Caderno, p. 11)
 d. Na praia da brisa, em Guaratiba, *tem* muitos animais abandonados, na sua maioria cães e gatos. Eles não são vacinados e estão doentes. (Extra, 13/08/2005, Primeiro Caderno/Serviço, p. 13)
 e. Hoje, *tem* tributo a Bob Marley, no Nectar, em Vargem Grande. (Extra, 13/08/2005, Primeiro Caderno/Geral, p. 4)

Procurando capturar formalmente esses contrastes, podemos tomar como ponto de partida o fato de não existirem condicionamentos internos para a variação *ter-haver*. De um ponto de vista exclusivamente gramatical, essa ausência parece evidenciar que a seleção de *ter* ou *haver* é aleatória. Contudo a idéia de estarmos diante de uma simples condição de aleatoriedade pode ser posta em dúvida, uma vez que, na fala, o percentual de *ter* é drasticamente maior que o de *haver*. Considerando que a língua falada corresponde a um acesso mais direto à gramática internalizada que a língua escrita, devemos então estar diante de uma situação em que *ter* exerce um papel diferenciado do exercido por *haver*. Para precisar essa diferenciação, podemos recorrer a dados negativos (ou, pelo menos, de aceitabilidade marginal) que revelam a existência de certos contextos nos quais o uso de *haver* (mas não o de *ter*) é rejeitado ou causa estranhamento em PB. Atenemos, por exemplo, para os casos em (6)-(7) a seguir: em (6), temos contextos que admitem tanto *ter* quanto *haver*; em (7), diferentemente, a inserção de *haver* torna a construção marginal ou inaceitável.

- (6) a. Sempre vai *ter* / *haver* políticos querendo tirar proveito dos eleitores.
 b. *Tinha* / *Havia* muitos livros bons na biblioteca.
 c. *Teve* / *Houve* uma confusão danada na hora da festa.
 d. "lá *tinha* (*havia*) várias faculdades" (NURC-RJ 015/90)
 e. "mas não *havia* (*tinha*) essa possibilidade..." (NURC-RJ 023/90)
- (7) a. Sempre *tem* / ??há mulher desfilando pelada no carnaval.
 b. *Tem* / *?Há gente na festa que odeia cheiro de cigarro.
 c. *Teve* / *Houve muitos docinhos na festa que a Maria deu.
 d. A: *Tem* / *Há pão? B: *Tem* / *Há.
 e. "lá ... *tem* (*há) jardim, tá, com lago em volta" (NURC-RJ 003/90)

Diante de fatos desse tipo, Avelar (2006a) sugere que *haver* não mais corresponde a um verbo funcional no PB contemporâneo, mas sim a um item lexical/substantivo, enquanto *ter* se apresenta como o existencial funcional canônico. Em outras palavras, *haver* passou a pertencer à família de verbos que abarca outros itens lexicais/substantivos de função apresentacional, como *acontecer*, *ocorrer*, *surgir*, *existir* etc., enquanto *ter* se firmou como o existencial prototípico.⁵ Sobre a distribuição desses verbos apresentacionais, o levantamento apresentado por Avelar (2006a) permite atestar que, na fala culta urbana do Rio de Janeiro, itens como *acontecer* e *existir* são significativamente mais frequentes que *haver*. Como observado nos casos em (8) a seguir, tais itens são comumente licenciados em contextos nos quais podemos empregar a versão existencial de *ter*. Essa possibilidade implica que, se assumirmos uma variação entre *ter* e *haver* de igual para igual, vamos ter também de incluir *acontecer* e *existir* no pacote das formas variantes, idéia (que seria errônea, a nosso ver) que não aparece, até onde sabemos, entre os estudos sobre as existenciais do PB.

⁵ Para uma discussão mais detalhada sobre construções apresentacionais no português brasileiro, com foco sobre as existenciais com *ter*, ver o trabalho de Franchi, Negrão e Vioti (1998).

- (8) a. *Teve/aconteceu* um acidente horrível na estrada.
 b. Sempre *tem/acontece* alguma confusão nas festinhas da universidade.
 c. Não *tem/existe* vida em outros planetas do sistema solar.
 d. Nunca *teve/existiu* partidos políticos totalmente confiáveis no Brasil.

Se esta linha de raciocínio for válida, a questão acerca de como abarcar a variação *ter-haver* dentro de um quadro formal que vise a capturar as propriedades de sentenças existenciais do PB parte de uma premissa equivocada. No âmbito da gramática naturalmente internalizada, não existe variação real entre os dois verbos no PB, mas entre um “padrão *default*” de sentenças existenciais, para o qual se recorre ao funcional *ter*, e outros padrões diferenciados que se valem de verbos não-funcionais com valores semântico-pragmáticos diversos, entre os quais se inclui o verbo *haver*.⁶

O que dizer, porém, do alto percentual de *haver* na escrita? Sua ampla frequência não estaria indiciando que essa forma ainda detém um estatuto funcional, tal como o que conferimos para *ter*? Seria possível afirmar que a escrita elege categorias funcionais diversas àquelas que observamos na fala? Um possível encaminhamento para tais questões passa pela discussão desenvolvida por Kato (2005) sobre os domínios da gramática nuclear e da periferia. No sentido chomskiano do termo, a periferia armazena resíduos de mudança, empréstimos, inovações lingüísticas *etc.*, sendo que os indivíduos de uma mesma comunidade lingüística podem diferir em larga escala na manifestação ou não desses aspectos, enquanto a gramática nuclear abarca os elementos que compõem a competência natural dos falantes, determinada no processo natural de aquisição da linguagem ao longo de sua infância. Kato (2005) argumenta que uma das fontes provedoras da periferia é o processo de escolarização, que desencadeia o aprendizado da escrita. No caso de falantes do PB, a aprendizagem da escrita se daria nos mesmos moldes do aprendizado de uma segunda língua, com uma e outra sendo adquiridas por meio de aprendizagens “socialmente motivadas e não biologicamente marcadas” (p. 9). Ambas teriam início depois de uma idade crítica para a aquisição, condição que abre espaço para a emergência de diferenças individuais marcantes.⁷

O uso de *haver* como existencial canônico da língua escrita não consiste, desta perspectiva, num reflexo de procedimentos internos à gramática nuclear, mas do provimento da gramática periférica por elementos de prestígio no processo de escolarização. Se atentarmos para o fato de que o aprendizado da língua escrita no Brasil tem como alvo ou estágios anteriores da língua ou a norma do português europeu (muito embora o resultado final não seja nem uma coisa nem outra, como destacado em Kato (2005)), fica fácil entrever a razão da supremacia de *haver* e da tendência à supressão de *ter* na língua escrita. Se esta visão estiver correta, *haver* entra no acervo vocabular dos falantes quase nas mesmas condições em que entraria um verbo funcional de uma L2 (digamos, o *there is/are* do inglês). Daí resulta o fato de sua frequência entre falantes com nível superior ser maior que entre os demais (ver a Figura 3).

⁶ Ver Avelar (2006a) para uma discussão em torno desses possíveis valores.

⁷ Com base em dados disponibilizados por Telma Magalhães (ver Magalhães, 2006), Avelar (2006a) argumenta que crianças brasileiras, diferentemente de crianças portuguesas, não produzem construções existenciais com *haver* até pelo menos os três anos de idade. Esse fato reforça a tese de *haver* ser um verbo adquirido tardiamente, ao longo do processo de escolarização e de contato com a língua escrita.

3. A variação entre *de* e *em*

Como referido na seção 2, os padrões para a variação *de-em* em constituintes adnominais não mostram diferenças entre fala e escrita (ver figura 2). Detendo-nos primeiramente nos dados de fala, o Goldvarb não detectou qualquer condicionamento significativo entre os indivíduos das três faixas etárias com e sem nível superior (ver a figura 5 adiante). Tal uniformidade não surpreende, uma vez que não existe qualquer prestígio ou estigma de uma forma em relação à outra que justifique uma ocorrência maior ou menor de *de* ou *em* entre indivíduos de um estrato social específico. Entre os documentos da língua escrita também não foram detectados contrastes de distribuição significativos, com o percentual da preposição *de* sendo sempre mais elevado que o de *em* (figura 6). A frequência da primeira oscilou entre 53% no romance de Chico Buarque e 80% no texto de auto-ajuda de Augusto Cury. Como vamos mostrar adiante, essa oscilação não pode ser atribuída a qualquer fator de ordem extralingüística, parecendo antes estar radicada na recorrência de “ambientes intralingüísticos” que condicionam a maior ou menor frequência dessas preposições.

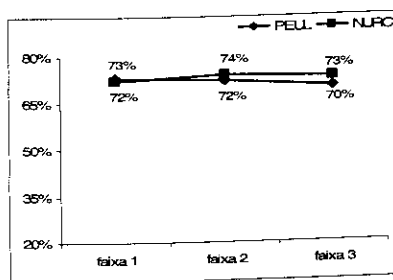


Figura 5: Frequência de *de* (contra a de *em*) em constituintes adnominais na língua falada, entre indivíduos com (NURC) e sem (PEUL) nível superior

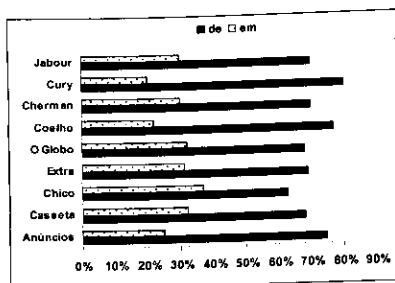


Figura 6: Frequência de *de* e *em* entre constituintes adnominais em documentos escritos

Dentre os fatores considerados, o Goldvarb identificou a especificidade semântica do argumento da preposição como sendo a propriedade relevante para determinar a seleção de *em* ou *de*. Os dados foram divididos em cinco tipos quanto a essa propriedade em particular, exemplificados em (9) a seguir, respectivamente: (a) *material animado*; (b) *material inanimado*; (c) *localização espacial*; (d) *localização temporal*; (e) *evento/fato/acontecimento*; e (f) *imaterial*. O emprego de *em* é condicionado pelos contextos que expressam localização espacial e evento, casos em que a frequência da preposição chega, respectivamente, a 56% e 48%; já a forma *de* exibe percentuais significativos entre todos os tipos, chegando a 88% entre os casos em que o argumento da preposição é material inanimado, como ilustrado na Figura 7.

- (9) a. os sonhos ... renovam as forças *do ansioso*... (Augusto Cury, p. 12)
 b. ...perda de potência *no motor*... (Isto É, 28/07/2004, p. 35)
 c. ...um café *na rua Faubourg Saint-Honoré*... (Paulo Coelho, p. 15)
 d. Maxwell publicou um artigo ... que lhe valeu o Prêmio Adams *de 1857*.
 (Alexandre Cherman, p. 80)
 e. ...se eu lavar os pratos *do almoço*... (NURC-RJ, 003/90)
 f. Escravos *de uma vida* que não tinham escolhido... (Paulo Coelho, p. 21)

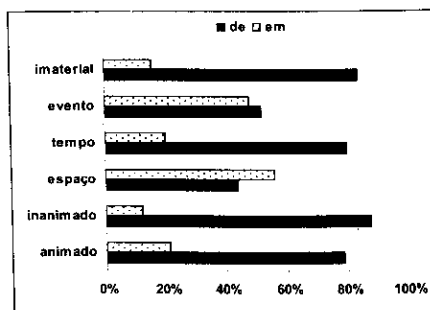


Figura 7: Frequências de *de* e *em* entre os tipos de argumento da preposição quanto à especificidade semântica, considerando conjuntamente dados de fala e escrita

Esses números permitem precisar o porquê de a frequência de *de* não passar de 63% no texto de Chico Buarque, e chegar a 80% no de Augusto Cury. O trecho de Chico Buarque considerado no levantamento dos dados contém uma descrição de lugares por onde transita o personagem principal, daí a profusão de expressões espaciais, favorecedoras do emprego de *em*, como nos casos que seguem em (10). Diferentemente, o texto de auto-ajuda de Augusto Cury recorre amplamente a metáforas de caráter bastante abstrato, o que se reflete na presença massiva de constituintes

adnominais preposicionados com o argumento interno indicando um elemento imaterial, não favorecedoras do uso de *em*, como nos exemplos em (11).

- (10) a. ...carpete alaranjado do hotel *em Melbourne*. (p. 21)
 b. ...ligar para alguém *no Brasil*... (p. 21)
 c. ...um guia de bons endereços *em Manhattan*. (p. 23)
 d. ...uma ilha *na Baía de Guanabara* (p. 30)
 e. ...a minha madrugada solitária *em Budapeste*. (p. 31)
- (11) a. ...vivendo as batalhas *da existência*... (p. 9)
 b. Desejos não resistem às dificuldades *da vida*... (p. 12)
 c. ...abria em milésimos de segundos a janela *da memória* (p. 13)
 d. ...bastidores *da nossa mente* (p. 14)
 e. Os maiores riscos para quem sonha são as pedras *do caminho*. (p. 19)

Diante desse quadro, interessa-nos partir para o mesmo tipo de discussão que desenvolvemos para *ter~haver* na seção anterior: como capturar a variação entre *de* e *em* numa análise que procura caracterizar o conhecimento de um falante típico do PB sobre o uso dessas preposições em expressões adnominais? Como ponto de partida, podemos explorar a idéia de que não estamos diante uma variação com interferência da periferia, do contrário a alternância entre uma e outra preposição estaria sujeita a condicionamentos extralingüísticos similares àqueles observados entre as existenciais.

Tendo essa idéia em mente, é importante salientar que os sintagmas adnominais nucleados por *de* e *em* exibem um comportamento sintático diferenciado no PB. Um dos contrastes diz respeito, por exemplo, à extração de constituintes interrogativos, como vemos a seguir: em (12), notamos ser possível (pelo menos em PB) extrair o constituinte interrogativo nucleado por *de*, sem que a construção se torne agramatical; em (13), diferentemente, é impossível extrair o constituinte interrogativo nucleado por *em* de modo a manter o sentido que este veicula quando em posição adnominal.

- (12) a. A criança comeu [o bombom *de qual caixa*] ?
 b. *De qual caixa* que a criança comeu [o bombom t] ?
- (13) a. A criança comeu [o bombom *em qual caixa*] ?
 b. * *Em qual caixa* que a criança comeu [o bombom t] ?

Esses e outros contrastes são discutidos em Avelar (2006b), onde se propõe que o comportamento diferenciado entre as expressões adnominais com *de* e *em* está atrelado a padrões distintos de configuração sintática envolvendo uma e outra preposição. Não iremos trazer para o escopo deste trabalho o conjunto de evidências apontadas pelo autor, mas cabe apresentar em linhas gerais a discussão de Raposo (1999) em torno do contraste entre *de* e outras preposições do português, tomada por Avelar (2006b) como ponto de partida em sua discussão. Raposo destaca que os artigos-demonstrativos *o(s)*, *a(s)* exibem um contraste de sensibilidade morfo-fonológica quando modificados por

constituintes preposicionados, no seguinte sentido: se a preposição for *de*, o artigo-demonstrativo é licenciado, como nos casos em (14a)-(16a); se a preposição for *em*, *com* ou *para*, respectivamente como em (14b)-(16b), o uso do artigo-demonstrativo é inaceitável.

- (14) a. O rapaz bebeu *a* (cerveja) *da* garrafa.
 b. O rapaz bebeu *a* *(cerveja) *na* garrafa.
- (15) a. O bandido roubou *a* (bolsa) *da* velhinha.
 b. O bandido roubou *a* *(bolsa) *com* a velhinha.
- (16) a. A costureira consertou *o* (vestido) *da* Maria.
 b. A costureira consertou *o* *(vestido) *para* Maria.

O autor interpreta essa oposição a partir de três fatores: (a) artigos-demonstrativos são morfo-fonologicamente dependentes e necessitam de um "hospedeiro"; (b) explorando o modelo de *fases* (Chomsky 1998/2000), os itens *com*, *em* e *p(a)ra* nucleiam constituintes formados numa fase que não é do DP/NP modificado; e (c) *de* é inserido pós-sintaticamente, a caminho da Forma Fonológica. A conjugação desses fatores permite, segundo Raposo, uma análise como a que segue. Como ilustrado em (17) adiante, o sintagma com *em* (o que vale também para um sintagma com *para* ou *com*) se encontra com todas as suas matrizes fonológicas linearizadas ao ser concatenado ao DP, por corresponder a uma fase. Se o constituinte *cerveja* for realizado, o determinante pode se afixar a ele na morfologia, como indicado em (17a); diferentemente, se *cerveja* não estiver presente (digamos, por apagamento durante a linearização), como em (17b), o artigo-demonstrativo ficará sem hospedeiro: o constituinte à direita, por ser uma fase, se fecha para qualquer operação pós-sintática, sendo impossível migrar para seu domínio em busca de "apoio morfo-fonológico".

- (17) a. [a • cerveja] • [na • garrafa]



- b. [a • ~~cerveja~~] • [na • garrafa]



Em contraste, tratando *de* como um morfema inserido pós-sintaticamente, teríamos a situação em (18). O que vai se adjungir ao DP *a cerveja*, nesse caso, é outro DP. Nas condições apontadas, os elementos de *a cerveja* serão linearizados juntamente com *de*, o que possibilita à matriz fonológica dos termos internos a esse DP interagir com o morfema pós-sintático na morfologia. Ou seja, embora tenha entrado na derivação para se associar a uma fase pronta (correspondente ao sintagma modificador), o item *de* é

externo a essa fase e adjacente ao DP modificado na estrutura linearizada, condição que licencia a afixação.

(18) a. [a • cerveja] • de + [a • garrafa]



b. [a • ~~cerveja~~] • de + [a • garrafa]



O estatuto diferenciado da preposição *de* pode ser reforçado por diferenças semânticas entre este item, por um lado, e as demais preposições da língua, por outro, como apontado em Koch (1977) e Avelar (2006b). Embora estejamos focalizando apenas construções com *de* e *em*, o fato é que a primeira pode substituir outras preposições da língua, tal como nos casos em (19)-(21) a seguir. A rigor, ao lado da variação *delem*, encontramos variações do tipo *delcom*, *delpara*, *delsobre* etc.

- (19) a. A empregada passou aquela camiseta *de / com* botão.
b. Aquele rapaz *de / com* cabelos longos perguntou pela Ana.

- (20) a. Roupa *de / para* criança custa muito caro.
b. A viagem *de / para* o Rio vai ser antes da viagem *de / para* Manaus.

- (21) a. A notícia *do / sobre* o acidente chocou a família da vítima.
b. Aquela história *de / sobre* impeachment parece ser boato da oposição.

A forma *de*, nesse sentido, pode ser tratada como uma espécie de “preposição curinga”, entrando na estrutura quando a modificação adnominal envolve a concatenação sintática de um DP/NP a um outro DP/NP (possivelmente, para satisfazer a requerimentos de Caso, nos termos de Chomsky (1986)), como proposto em Raposo (1999); diferentemente, a preposição *em* veicula um conteúdo semântico específico, compondo a estrutura do constituinte já na computação sintática. A rigor, portanto, o que na superfície vemos como um fenômeno de variação entre dois itens corresponde, na gramática nuclear, a dois procedimentos diferenciados, um resultando na realização de *de* (concatenação de DP/NP a DP/NP), e outro, na de *em* (concatenação de um verdadeiro PP a DP/NP).

4. Conclusão

O estudo conclui, nestes termos, que, no caso da variação *de-em*, o que entra em jogo são dispositivos “construídos” no processo de aquisição natural da língua. Esses mecanismos devem ser os mesmos entre os indivíduos da comunidade e, como tal, não

estão sujeitos a fatores externos à gramática. O comportamento esperado em tal caso é que a distribuição dessas preposições entre os diferentes segmentos da comunidade seja uniforme, independentemente de nível de escolarização, idade ou classe social, bem como de se tratar ou não de língua falada ou escrita. Esse aspecto fica claramente manifesto no comportamento estatístico dessa variação, que exhibe um padrão de distribuição marcadamente uniforme nos *corpora* considerados.

No caso de *ter-haver*, contrariamente, a ausência de uniformidade entre fala e escrita deriva dos mesmos elementos que permitem contrastar diferentes estratos sociolinguísticos determinados por faixa etária e nível de escolarização. Esses elementos estão na base da gramática periférica, construída numa etapa que não mais diz respeito à aquisição natural da língua, mas a um aprendizado consciente, não-natural e social.

Portanto, se a análise proposta estiver correta, pode-se afirmar que o comportamento estatístico diferenciado, quando fala e escrita são confrontados, resulta do fato de o lócus de *ter-haver* e *de-em* envolver instâncias distintas da competência dos falantes do PB, as quais Chomsky (1981) reconhece respectivamente como *periferia* e *gramática nuclear*.

Fontes empregadas na coleta de dados

- Buarque, Chico (2005) *Budapeste*. São Paulo: Companhia das Letras.
 Casseta & Planeta (2003) *As melhores piadas do planeta... e da casseta também*. Rio de Janeiro: Objetiva.
 Cherman, Augusto (2004) *Sobre os ombros de gigantes: uma história da física*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
 Coelho, Paulo (2005) *O Zahir*. Rio de Janeiro: Rocco.
 Cury, Augusto (2004) *Nunca desista de seus sonhos*. Rio de Janeiro: Sextante.
 Jabor, Amaldo (2004) *Amor é prosa, sexo é poesia*. Rio de Janeiro: Objetiva.
 Época (2005) São Paulo: Editora Globo. Edição de 28/02/2005.
 Extra (2005) Rio de Janeiro. Edições de 12 e 13/08/2005.
 Isto É (2004) São Paulo: Editora Três. Edição de 28/07/2004.
 Super Interessante (2005) São Paulo: Editora Abril. Edição de abril/2005.
 Veja (2005) São Paulo: Editora Abril. Edições de 13/04/2005 e 22/06/2005.

Referências

- Avelar, Juanito (2006a) De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de Haver no português brasileiro. *Letras de Hoje* 143, pp. 49-74.
 Avelar, Juanito (2006b) *Adjuntos adnominais preposicionados no português brasileiro*. Tese de doutoramento, Universidade Estadual de Campinas.
 Avelar, Juanito (2006c) Gramática, competição e padrões de variação: casos com TER/Haver e DE/EM no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem* 14(2), pp. 99-144.

- Callou, Dinah & Juanito Avelar (2002) Estruturas com TER e HAVER em anúncios do século XIX. In: Tânia Alkmim (org.) *Para a história do português brasileiro*, Vol. III. São Paulo: Humanitas-USP, pp. 47-68.
- Callou, Dinah & Juanito Avelar (2000) Sobre TER e HAVER em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Gragoatá* 9, pp. 85-114.
- Cardoso, Suzana (1986) "TER/HAVER" no português do Brasil: mudança lingüística e ensino. *Atas do I Simpósio sobre diversidade lingüística no Brasil*. Salvador: UFBA.
- Chomsky, Noam (1998/2000) Minimalist inquiries: the framework. In Roger Martin *et al.* (orgs.) *Step-by-step: essays in minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: The MIT Press, pp. 89-155.
- Chomsky, Noam (1986) *Knowledge of language*. New York: Praeger.
- Chomsky, Noam (1981) *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- Franchi, Carlos, Esmeralda Negrão & Evani Viotti (1998) Sobre a gramática das orações impessoais com TER/HAVER. *D.E.L.T.A.* 14, pp. 105-131.
- Kato, Mary (2005) A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. M. Marques *et al.* (orgs.) *Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (U. do Minho), pp. 131-145.
- Koch, Ingedore (1977) *Os sintagmas preposicionados como modificadores nominais*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Kroch, Anthony (1994) Morphosyntactic Variation. *Proceedings of the Thirtieth Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society*, Vol. 2, pp. 180-201.
- Leite, Yonne & Dinah Callou (2002) *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- Magalhães, Telma (2006) *O sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do português europeu e do português brasileiro*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- Raposo, Eduardo (1999) *Towards a minimalist account of nominal anaphora in Spanish and English*. Ms.
- Robinson, John, Helen Lawrence & Sali Tagliamonte (2001) *Goldvarb 2001*. Extraído de <http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/manual>.
- Silva, Rosângela da (2004) A variação "TER/HAVER" na fala pessoense. In: Dermeval da Hora (org.) *Estudos sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: UFPA, pp. 219-234.